



HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES DA ZONA RURAL: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DAS MULHERES NA COMUNIDADE DE MORRINHOS, POÇÕES-BA

Silvia Regina Marques Jardim
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: silvia.regina@uesb.edu.br

Tais Teixeira Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: pereiratais542@gmail.com

1528

INTRODUÇÃO

Dado o pequeno número de mulheres que vivem no campo, se comparado àquelas que vivem no meio urbano, é possível “afirmar que boa parte dos estudos sobre as mulheres e a condição feminina relaciona-se aos contextos das cidades de grande e médio porte” (MARQUES et al. 2020, p. 4). Destarte, faz-se também necessário ouvir as mulheres da zona rural, que, assim como as do meio urbano, lutam diariamente contra uma série de preconceitos, inclusive aqueles relacionados à aquisição da educação formal e a questão de gênero.

Para Libâneo (2013 p. 15) a educação é “um conceito amplo que refere a um processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas - físicas, morais, intelectuais e estéticas”. Assim, a educação faz parte do processo de transformação do indivíduo, pois, ao tornar um ser crítico e consciente da sua realidade pode lutar por uma vida mais justa e igualitária. No entanto, muitas mulheres da zona rural ainda são privadas do direito à educação escolarizadas, e entre as causas disso estão o cuidado da casa e a não aceitação dos seus companheiros.

Além disso, por serem mulheres, a elas são designados o cuidado com os filhos, a gerência e o cuidado da casa e da alimentação de todos da família, assim como os cuidados da horta e a "ajuda" prestada ao marido. Apesar das atividades desempenhadas por estarem ligadas ao sustento da família, o trabalho das mulheres do campo é visto como extensão do seu papel de mãe e esposa, dona de casa e provedora da família (CAUMO et al. 2015).

No povoado de Morrinhos, é comum encontrar mulheres que ainda cultivam o sonho de “terminar os estudos” e outras que veem essa realidade distante de sua vivência. Para elas, o que é direito básico e dever do Estado acaba se tornando quase, ou

Realização:



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



UNICAMP



PPGMIS



UNICAMP



Apoio:



CNPq
CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO



CAPES



mesmo impossível de ser realizado devido às dificuldades enfrentadas. O não acesso à educação formal por parte dessas mulheres é reflexo da falta de políticas públicas voltadas para a educação no campo, como afirma Rodrigues e Bonfim (2017, p. 1374):

A educação do campo deve ser vista não apenas como modalidade de ensino, mas também como uma política pública que dê à população camponesa os mesmos direitos educacionais garantidos à população urbana, pois se percebe que no decorrer da história essa modalidade educacional sempre foi deixada em segundo plano.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é saber quais são as histórias de vida das mulheres de Morrinhos no que diz respeito ao acesso à educação formal identificando quais são as principais trajetórias enfrentadas por elas no acesso e permanência à educação escolarizada e analisar se e como a questão de gênero pode interferir no acesso à educação.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa insere-se numa abordagem qualitativa que, de acordo com Minayo (2002), responde a questões muito particulares, se preocupando nas Ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

Para a coleta de dados, foi feita a entrevista que Gil (2008, p.128) define como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Essas entrevistas foram semiestruturadas, que é o mais adequado à pesquisa que se faz atualmente em educação, pois aproxima-se mais dos esquemas mais livres (LUDKE e ANDRÉ, 2008). As entrevistas foram feitas com 15 moradoras da comunidade de Morrinhos, acima de 37 anos que nunca estudaram ou que não concluíram o estudo.

Foram feitas 19 perguntas que tratavam de educação, como por exemplo: Por qual motivo não frequentou a escola? Você queria ter estudado mais? Você tem ou já teve vontade de ir à escola? Sobre família: Você é casada? Tem filhos? Seus filhos estudam? O que você sonha para o futuro deles? Sobre a vida em aspectos gerais: Como foi sua infância? Você costumava brincar? O que você mais sonhou na vida? Você se sente realizada hoje?

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Trabalho Infantil

Realização:



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE SÃO PAULO



MUSEU PEDAGÓGICO



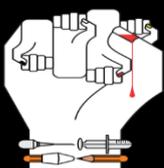
Apoio:



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO



CAPES



Da Silva (2010) relata que o trabalho é visto pelos pais como algo de grande importância no sentido de ensinar aos filhos a serem responsáveis, além disso existem fatores de ordem material para que os pais iniciem as crianças no trabalho logo cedo. De acordo com as entrevistadas, o trabalho infantil foi um fator que contribuiu para que não tivessem acesso a escola. Para elas, o principal motivo para as crianças começarem a trabalhar cedo é ajudar no sustento da casa, seja ela com mãe solo ou em famílias em que o pai estava presente.

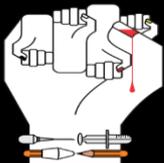
Para muitas famílias o trabalho infantil era visto ainda como obrigação, o filho precisava ajudar a trazer o alimento para casa como pode ser observado nessa fala de uma entrevistada: *“De muito trabalho correria é trabalhando fora de enxada para ajudar a mãe que tinha um rebanho de filho e a gente tinha que ajudar porque era pouco dinheiro, pai trabalhava pro a um canto e nós pra outro e até hoje é assim (...) vamos todos pra roça é de mamando a caducando”*. (S. 50 de idade anos).

Segundo Da Silva (2010, p. 99), “desde o final do século XIX e início do XX, sob influência das ideias higienistas, foi difundido no Brasil um novo discurso sobre o trabalho. Influenciada por esse modo de pensar, a família começou a educar seus filhos através do trabalho”. Assim, trabalhar na infância era visto por alguns pais como uma forma de educar e, muitas vezes, era só o que tinham a oferecer aos seus filhos. Quando pergunto a uma entrevistada se desejaria mudar sua trajetória de vida, ela diz: *“Mudaria de não trabalhar na enxada, é um trabalho digno, mas é puxado”*. (S. 50 anos). Outra ainda acrescenta: *“Minha infância não foi boa não, porque desde os dez ano que eu trabalhava na roça, estudava e trabalhava”*. (E.T de 63 anos).

Educação

Para Pederneiras (2004, p.19) “A educação se propaga através do ensino, que consiste na transmissão de conhecimentos, informações ou de esclarecimentos úteis ou indispensáveis àquela ou a fim determinado”. Outro aspecto tratado pelas entrevistadas, foi a falta que a educação formal fez e faz na vida delas.

De acordo com a maioria dos depoimentos, o conhecimento, informações e esclarecimentos que foram negados a essas mulheres, levou ao analfabetismo ou a limitação de aprendizado formal. Muitas delas gostariam de ter adquirido mais conhecimento através da escola, como é o caso de (E.P 55 anos de idade) quando ela fala *“O que mais sonhei foi de terminar meus estudos mesmo”*. Esse é um depoimento comum nas quinze entrevistas realizadas. São mulheres que sonharam em terminar os



estudos e aprender, mas que como não realizaram o sonho ainda sentem vontade como (P. 48 anos de idade) “*Queria, queria ter realizado o meu sonho nunca é tarde pra realizar o sonho. Quando minhas filhas formarem eu vou voltar a estudar*”.

Muitas sabem que o futuro poderia ter sido diferente se tivessem concluído a educação formal como é o caso de (D.M.R, 67 anos) “*Oh minha filha eu queria ter estudado, ser alguma coisa na vida não era? Mas Deus não quis*”. Outras acabam se sentindo incapazes por não ter aprendido a ler e escrever e falam que se tivesse aprendido seria alguma coisa na vida como (M.R, 81 anos) “*Eu queria, eu queria ser alguma coisa, mas não sei, não aprendi*”.

1531

Desigualdade de gênero

As mulheres que contam suas histórias neste trabalho, não passaram por situações diferentes da maioria das mulheres da sociedade. Parte delas, desde muito pequenas, ajudaram nos afazeres do lar e outras ainda precisaram se tornar “donas de casa”, como é relatado: “*Brincava bem pouco, porque com idade de oito anos eu já era dona de casa e quase não gostava de brincar não*”. (D.M, 60 anos de idade).

Como na fala da entrevistada, ela não brincava tanto porque precisava tomar conta da casa, como ela, muitas outras tomaram para si a responsabilidade da casa e da criação dos irmãos para que os pais pudessem trabalhar.

É importante destacar que o papel da mulher já era anunciado desde de cedo em casa, pelo pai e mãe. Assim, elas aprenderam cedo a cuidar da casa, lavar, passar, cozinhar, e cuidar dos irmãos. Eram preparadas para serem donas de casa e, conseqüentemente, serem esposas. Assim, cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal, uma história de vida e um projeto de vida. O fato de se pertencer a um gênero ou outro, ser menino ou menina, também conforma as referências iniciais no mundo (ALVES, 2019).

CONCLUSÃO

Este trabalho mostrou o quanto a educação escolarizada fez e ainda faz falta na vida das mulheres entrevistadas. Durante a coleta de dados, muitos sentimentos vieram à tona como emoções, frustrações, esperanças, tristeza, gratidão e revolta.

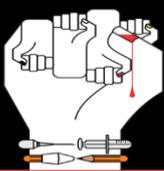
Diante de tudo que foi falado por elas, o acesso e permanência na educação escolarizada foi o principal foco. Através dos relatos delas ficou claro o sonho de terminar os estudos, pois nenhuma conseguiu terminar e algumas não são alfabetizadas.

Realização:



Apoio:





Além disso, o principal motivo pelo qual elas, na grande maioria não puderam estudar, foi o fato de ter que trabalhar ainda criança para ajudar no sustento de casa. A desigualdade de gênero também é uma realidade vivenciada por muitas delas, só que mascaradas ou naturalizadas, pois não possuem conhecimento de que muitas vezes sofreram essa desigualdade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres do campo. Desigualdade de gênero. História de vida. Educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Y. C. **Trajetórias de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino.** 2019, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre

CAUMO, A. J.; STADUTO, J. A. R.; DE SOUZA, M. Distribuição espacial das trabalhadoras rurais na agricultura familiar no nordeste do Brasil. **Revista Retratos de Assentamentos**, v. 18, n.1, p. 217-246, 2015.

DA SILVA, M. I. C. **Infância perdida, direitos negados.** A persistência do trabalho infantil através da ideologia da educação pelo trabalho. 2010, Pós Graduação, Serviço Social, Recife 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.
LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** Rio de Janeiro, E.P.U, 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Didática-** José Carlos Libâneo, 2. Ed- São Paulo: Cortez, 2013.
MARQUES, T. G.; TEIXEIRA, A. B. M.; GONÇALVES, L. A. O. As mães pouco escolarizadas como suporte para jovens da roça terem acesso e permanecerem no ensino superior. **Educação em Revista**, v. 36, p. 1-21, 2020.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PEDERNEIRAS, M. C. **O trabalho infantil como causa da evasão escolar.** 2004, Graduação, Curso de Direito, São José(SC) 2004.

RODRIGUES, H. C. C; BONFIM, H. C. C. A educação do campo e seus aspectos legais. **EDUCERE: XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO.** Formação de professores: contextos, sentidos e práticas. 2017.